



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.dfg@dabr.com.br

Conversa no Uber

Em princípio, não tenho simpatia pela Uber ou por qualquer modelo de negócio sem regulação ou controle. Não tenho dúvidas de que a desregulação leva a um estado de barbárie. É muito estranho, você pede o serviço e chega um carro sem qualquer identificação. Seu destino fica nas mãos de um aplicativo. To-

dos os meus amigos utilizam transporte por aplicativo, mas continuo com as minhas reservas.

No entanto, precisei usar os serviços da Uber e fui atendido por uma moça de sotaque nordestino. Eu gosto de conversar com motoristas, pois eles sempre trazem informações, observações ou histórias interessantes.

Para puxar conversa, perguntei à moça se ela gostava do ofício e ela comentou: "Trabalhava com RH, mas, com a crise econômica, perdi o emprego, peguei o carro, inscrici na Uber e comecei a trabalhar. Tem muita gente desempregada. É o que está salvando a gente".

"Você gosta de trabalhar de motorista?"
"Gosto muito, sempre gostei muito de dirigir, não tenho preguiça. Transformei a habilidade em profissão. Gosto tanto que, alguma vez, trabalho à noite."

"Mas não é um pouco perigoso trabalhar à noite?"
"Muito!"

"E vocês têm algum aplicativo para garantir a segurança?"

"Temos".

"Qual deles?"

"É Deus! Mas temos um sistema de comunicação, e o GPS ajuda na localização".

"Já viveu alguma situação de insegurança?"

"Claro, várias. Em uma delas, uma moça pediu uma corrida para a Ceilândia. Mas, quando chegou próximo à cidade, ela me comunicou: 'Moça, eu disse que era para a Ceilândia porque fiquei com medo de que você recusasse a corrida se eu disse que o destino era Sol Nascente'. Perguntei qual era o endereço, e ela respondeu que não saberia dizer, seria preciso me guiar até chegar ao destino".

"E conseguiu chegar lá?"

"Rodei por muitas vielas e becos tortuosos. Até que cheguei a um lugar estranho. A sensação era a de estar em uma favela do Rio de Janeiro. As pessoas andavam armadas pelas ruas, em frente a

casas onde rolavam funk. Nunca pensei que pudesse existir algo assim dentro de Brasília".

"E como é que saiu de lá?"

"Liguei para os colegas e um motorista que conhecia a região foi lá me ajudar a sair. Ele disse: 'Essa área é muito perigosa. Nunca mais aceite uma corrida para cá. Você teve sorte de não ter acontecido nada com você'. Felizmente, saímos sem nenhum problema e eu voltei em paz para casa."

Cheguei a meu destino e desejei boa sorte àquela trabalhadora. Só Deus mesmo para protegê-la. "Que Deus te proteja!". E ela respondeu: "Amém!"

SAÚDE / O número de pacientes diagnosticados com autismo no Distrito Federal tem aumento constantemente. Entretanto, os serviços públicos disponibilizados não chegam a todos os pacientes e mães precisam acionar a Justiça para garantir o direito dos filhos

A luta pelos filhos autistas

» LETÍCIA GUEDES

Caracterizado por desenvolvimento atípico, dificuldades na comunicação, na interação social e pela presença de padrões de comportamentos repetitivos, os sintomas do Transtorno do Espectro Autista (TEA) podem ser percebidos logo nos primeiros anos de vida. A Secretaria de Saúde do Distrito Federal (SES-DF) não dispõe de dados atualizados acerca da quantidade de pessoas diagnosticadas com o TEA na capital, mas sabe-se que, em 2024, apenas na rede pública de ensino do DF, cerca de 10.605 alunos matriculados são laudados com autismo. A alta demanda afeta a qualidade dos atendimentos e, para além de lidar com o impacto do diagnóstico, o processo vivenciado pelas famílias de pacientes do DF é marcado pela angústia de enfrentar longas filas de espera.

Viviane Legnani, psicóloga, psicanalista e professora da Universidade de Brasília (UnB), aponta que, atualmente, há um volume alto de diagnósticos de TEA, o que faz com que as políticas públicas disponibilizadas pelo governo não cheguem aos pacientes. "A gente tem um problema de ausência de diálogo entre os profissionais, os da saúde não dialogam com os da educação e os da educação não dialogam com a saúde. É fundamental que a gestão das secretarias elabore planos de trabalho intersetoriais para atender aos pacientes. Parece, inicialmente, uma perda de tempo, mas, na verdade, com uma boa estratégia, o paciente melhorará tanto que poderá, inclusive, prescindir de recursos", analisou a psicóloga.

Ela acredita que o trabalho em conjunto contribui para um cuidado maior na hora dos diagnósticos, entretanto, a pesquisadora crítica a forma como os laudos são dados, atualmente, sem a existência de um exame específico.

Unidas por uma causa

No Incra 8, em Brazlândia, os destinos de Paula dos Santos Costa, 39 anos, e Roana Talita da Silva, 30, se cruzaram. Mães solo, cada uma com três filhos, compartilham histórias de batalhas semelhantes. Elas brigam

por um atendimento de qualidade na Unidade Básica de Saúde, do próprio Incra, como medicamentos gratuitos, com o auxílio da Defensoria Pública do DF. As duas contam que perderam as contas de quantas vezes se deslocaram até o Plano Piloto, de ônibus, com as crianças, para implorar que os filhos tenham acesso às políticas prometidas.

Na escola, ainda que necessitem, Brayan e Rebecca não têm monitores, mas educadores sociais. Paula lembra que, após entrar com um processo judicial, conseguiu uma monitora no fim do ano passado, porém, ao fim do ano letivo, a assistência foi finalizada. "Eu cheguei em 19 de fevereiro (primeiro dia de aula) para deixar ele na escola e o pessoal falou que não podia fazer nada, porque a regional não mandou um profissional especializado para acompanhá-lo. Agora, eu abri o processo outra vez e estou lutando tudo de novo." Até o momento, o único direito que a mãe teve acesso foi à sala reduzida.

Além da falta de acompanhamento nas escolas, as duas crianças não têm acesso à terapia, e aguardam na fila da Secretaria de Saúde, que não tem prazo para inclui-las.

Impossibilitadas de trabalhar por conta dos cuidados com os filhos, elas não sabem quando foi a última vez que saíram de casa para algum compromisso pessoal, que não fossem relacionadas aos filhos. Para suprir as necessidades das crianças e de casa, ambas contam com Benefícios de Prestação Continuada (BPC), pagos pelo governo.

Euslane Antunes, neuropsicóloga responsável técnica da clínica Ineus, informou que, no caso dos pacientes que estudam e precisam de suporte, a presença de um monitor é essencial. "É de grande importância porque a escola é a continuação do tratamento. Com o monitor, a gente consegue auxiliar no uso do banheiro, na explicação das atividades, na coordenação motora."

Batalha sem fim

Diele Paulino de Melo, 32 anos, é mãe das gêmeas Rebeca e Sara, de 9 anos. Rebeca é diagnosticada com autismo, mas Diele contou que teve de brigar

Fotos: Letícia Guedes



As amigas se conheceram na UBS do Incra e agora reivindicam os direitos dos filhos juntas



Diele recorreu à Justiça para que a filha fosse atendida pelo governo

muito para que a menina conseguisse atendimento no Hospital da Criança de Brasília. "Sempre foi uma luta, desde a primeira vez que eu desconfie que ela tinha autismo. Até nas UBSs era complicado conseguir um médico da família", relatou. Ela lembra

que, quando soube da condição da filha, teve de pedir demissão do trabalho para cuidar das meninas integralmente.

"Sempre tive todos os médicos disponíveis no SUS, mas eles sempre devolveram as solicitações de atendimento neurológico

para a minha filha, diziam que faltavam informações nos encaminhamentos, pediam mais justificativas. Eu tive que entrar com uma ordem judicial contra o GDF para conseguir a consulta para ela", explicou Diele.

A mãe só obteve o acompanhamento para a filha após a ajuda de uma advogada que entrou com uma ação contra o hospital. Contudo, a família ainda aguarda, desde 2019, o chamamento para as terapias. "Eu lutei e luto com garras e unhas pela inclusão, pelo respeito na sociedade e pelos direitos da minha filha", declarou, lembrando que só conseguiu o benefício para a filha por meio da Justiça.

Conscientização

A partir de 10 de maio, a Biblioteca Nacional de Brasília receberá o maior projeto brasileiro de conscientização sobre o autismo. A entrada na Casa dos Sentidos, que está em turnê pelo Brasil, é gratuita.

O projeto foi desenvolvido pela Guanabara Produções Culturais com apoio da Montenegro Produções Culturais, por meio de Lei de Incentivo à Cultura, como uma forma de traduzir em expressões artísticas os sentimentos e vivências de crianças e adolescentes com TEA.

Saiba mais

Monitores nas escolas

A Secretaria de Educação informou que, atualmente, disponibiliza 1.623 monitores efetivos para garantir suporte necessário aos 10.605 estudantes matriculados que são diagnosticados com TEA. No início de 2024, foram selecionados, ainda, 5.500 educadores sociais voluntários (ESV).

A pasta informou que tanto a distribuição dos ESV quanto dos monitores é coordenada pela Coordenação Regional de Ensino, de acordo com as necessidades específicas de cada unidade escolar. A secretaria afirmou, ainda, que a demanda pelos monitores tem crescido constantemente e trabalha para que todas as necessidades sejam atendidas.

Serviços de Saúde

- A Secretaria de Saúde do DF informou que o diagnóstico de autismo é feito nas Unidades Básicas de Saúde (UBS) a partir do relato dos pais ou responsáveis e avaliação médica, e que em casos de diagnóstico ou suspeita, o paciente pode ser encaminhado para os serviços de reabilitação.

- A pasta dispõe de quatro centros especializados em reabilitação (CER), que têm como foco o atendimento, diagnóstico e tratamento do autismo.

- Os endereços podem ser encontrados no site da pasta.

Obituario

Envie uma foto e um texto de no máximo três linhas sobre o seu ente querido para: SIG, Quadra 2, Lote 340, Setor Gráfico. Ou pelo e-mail: cidades.dfg@dabr.com.br

Sepultamentos realizados em 3 de maio de 2024

» Campo da Esperança

Adenisy Meiry de Oliveira, 58 anos
Alda Maria Bezerra de Melo, 58 anos
Amélia de Sousa Lima, 87 anos
Charlton Versiani, 56 anos
Fernanda Raila Rodrigues, 37 anos
Genival Pereira Leite, 71 anos
Maria Hormínia da Silva Lorenzatto, 96 anos
Maria Izabel de Oliveira Rocha, 95 anos
Zulmira Alves Ferreira, 87 anos

» Taguatinga

Aldenora Soares de Oliveira Borges, 74 anos
Antônio Figueira Neto, 79 anos

Cícero José Pereira, 64 anos
Dario Carneiro de Souza, 58 anos
Deusulina Cordeiro Melo, 88 anos
Helena Pontes Araújo, menos de 1 ano
Heloísa Vitória Silva Serra, menos de 1 ano
Hugo Ribeiro de Sousa, menos de 1 ano
João Bernardo Ferreira Perim, menos de 1 ano
João Miguel de Oliveira, menos de 1 ano
José Almir Batista, 64 anos
Juracy de Araújo, 68 anos
Jurandir Teixeira da Rocha, 49 anos
Luiz Fernando dos Santos Marques, 70 anos
Maria de Lourdes Marinho Damião, 77 anos
Roberto Carlos Piedade, 59 anos

Ruy Soleo, 80 anos
Watina Sabinio Oliveira Ramos, 49 anos

» Gama

Denilson Tomé Gomes, 52 anos
Francisco Lopes da Costa, 83 anos
Gideão Lopes dos Santos, 82 anos
João Carlos Alves da Silva, 63 anos
Juraldino Ferreira Vaz, 68 anos
Laudiene Soares Cardoso, 41 anos
Maria de Lourdes Silva, 84 anos
Maria Elza Martins, 77 anos
Rosirene Martins, 57 anos

» Brazlândia

Evailton Lourenço da Silva, 58 anos

» Sobradinho

Célio Jesuína Neris, 33 anos
Eunice de Aguiar Leao, 95 anos
Valderico de Barros Silva, 57 anos

» Jardim Metropolitano

Márcia Maria Ferreira da Silva, 73 anos
Mirian Correia Lopes Alves, 54 anos
Maria Thereza de Paoli Faria, 83 anos (cremação)
Clarice Alves, 76 anos (cremação)
Sílvio Carlos Rodrigues de Moraes, 70 anos (cremação)